



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Golpecitos a la Puerta

Lívia Mota Fonseca

08/34556

Orientadora: Dione O. Moura

Coorientador: Solano Nascimento

Brasília, DF

Fevereiro de 2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Golpecitos a la Puerta

Documentário sobre mulheres colombianas em condição de deslocamento, que tiveram que deixar suas casas para escapar da violência gerada pelo conflito armado interno na Colômbia.

Memorial descritivo apresentado à
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo. Orientação: Dione Oliveira
Moura e Solano do Nascimento.

Brasília, DF
Fevereiro de 2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

“Golpecitos a la Puerta”

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo.

Banca examinadora:

Professora-orientadora: Professora Doutora Dione Oliveira Moura

Professora Doutora Dácia Ibiapina

Professor Mestre Caíque Novis

Data 04 / 03 /13

A todas as mulheres guerreiras, fontes constantes de inspiração e admiração.

AGRADECIMENTOS

A Ana Cecília, Aura, Aurora, Carolina, Cecilia, Gladys, Hilda, Ligia e Rosa; por terem acreditado neste projeto, por aceitarem partilhar suas histórias de vida, dando assim a maior contribuição a este trabalho e sem a qual ele não existiria.

Ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, em Brasília, Bogotá e Medellín, por terem dado todo o suporte no contato com as entrevistadas, nos deslocamentos e nas gravações. Especial agradecimento a Diana Díaz, companheira inseparável nos 15 dias em que estive na Colômbia, e a Luiz Fernando Godinho, elo fundamental com ACNUR Colômbia e grande entusiasta deste projeto.

À Universidade de Brasília, pelo conhecimento adquirido ao longo da graduação e pela oportunidade de intercâmbio acadêmico, que foi sem dúvida alguma um divisor de águas na minha formação profissional. Em especial aos orientadores Dione Oliveira Moura e Solano Nascimento, grandes mestres durante a graduação e peças fundamentais para a boa conclusão deste trabalho.

À minha família, meus maiores exemplos de dedicação, que sempre acreditaram e investiram nos meus estudos. À minha mãe, Maria do Carmo, meu modelo supremo de mulher guerreira. Ao meu pai, José de Araújo, exemplo de coragem e determinação. Ao meu irmão, Fernando Mota, desde sempre meu herói.

Às amigas e aos amigos que me apoiaram durante o processo de realização deste documentário, seja indicando um texto, emprestando um livro, me apresentando a um amigo que iria resolver todos os problemas técnicos da edição, ou que estiveram sempre emanando energias positivas para que eu fosse capaz de concluir essa jornada.

A Taíssa Dias, irmã de luz, inspiração profissional e pessoal, por estar presente em todos os momentos decisivos.

A Mariana Veil, parceira profissional e amiga, por todas as dicas, ensinamentos teóricos e técnicos, e pelo eterno sorriso que tornou as madrugadas de trabalho mais agradáveis.

A Carolina Matias e Luísa Caetano, e às moças, que de samba em samba e café em café sempre apareceram na hora exata para contribuir com a idealização do roteiro e montagem deste documentário.

Às mulheres das Marcha das Vadias, primeiro contato com o feminismo e com a temática de gênero, por todo o aprendizado e pelo espaço propício ao empoderamento pessoal e profissional.

Aos parceiros Diego Rebouças, Raphael Rabelo, Rafael Monteiro e Luca Leocádio. Por terem acreditado na causa abordada neste curta-metragem, por se envolverem no projeto em uma etapa decisiva e terem trabalhado com tanta paciência e dedicação, sem nenhuma gratificação financeira.

A Hugo Pachiella, da Lojinha de Filmes, por ter digitalizado mais de 13 horas de imagens sem nenhum custo adicional ao projeto. Obrigada pela paciência e por acreditar neste trabalho.

A todos os brasileiros que financiaram meus estudos de graduação, cursado em uma Universidade pública federal e gratuita.

Às energias positivas do Universo, que sempre conspiraram a favor deste trabalho.

RESUMO

O conflito armado interno na Colômbia dura quase 50 anos e, ao longo desse tempo, vem causando graves prejuízos à população civil. A disputa entre guerrilha, exército, grupos armados ilegais e narcotraficantes pelo controle do tráfico de drogas e pela posse de terras tem obrigado milhões de colombianos a deixarem as terras ou as casas onde viviam para escapar da violência, concretizando assim o processo de deslocamento interno – quando uma pessoa tem que migrar à força para outras regiões dentro do mesmo país. Este trabalho de pesquisa tem por objetivo abordar o tema do deslocamento sob a perspectiva de gênero, e descrevê-lo por meio de um documentário curta-metragem. O documentário foi construído a partir de entrevistas com nove mulheres colombianas deslocadas, e enfoca o tema do direito à cidadania, seja em meio ao conflito ou no próprio processo de deslocamento. Considerando a realidade dessas mulheres e o contexto social patriarcal no qual se inserem, por meio deste documentário pretende-se evidenciar a necessidade de uma proteção específica relacionada ao gênero feminino, dado o elevado grau de vulnerabilidade deste grupo dentro da situação de conflito e de deslocamento.

Palavras-chave: Colômbia, mulheres deslocadas, violência, migração forçada, deslocamento interno, documentário.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 08 |
| 2. OBJETO E OBJETIVOS | 11 |
| 2.1. Objeto | 11 |
| 2.2. Objetivo da pesquisa | 11 |
| 2.3. Objetivo do produto | 11 |
| 3. JUSTIFICATIVA | 13 |
| 4. CONTEXTUALIZAÇÃO | 14 |
| 5. REFERENCIAL TEÓRICO | 25 |
| 6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 30 |
| 6.1 Etapas da pesquisa | 30 |
| 6.2 Diário de bordo | 32 |
| 6.3 Cronograma | 39 |
| 6.4 Orçamento | 40 |
| 6.5 Equipe de produção do documentário | 40 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA E FILMOGRÁFICA | 42 |
| ANEXO | 44 |

1. INTRODUÇÃO

A Colômbia é o país no mundo que mais sofre com a questão do refúgio e do deslocamento interno¹ – quando as pessoas saem dos territórios de origem para escapar de algum tipo de perseguição, mas não chegam a atravessar a fronteira de um país. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a Colômbia tem registradas mais de 3,5 milhões de pessoas em situação de deslocamento interno, dentre as quais mais de 2 milhões são mulheres.

A principal razão dessa migração é a violência resultante do conflito armado interno que já dura quase 50 anos no país. Ao longo do tempo os grupos ilegais foram se transformando, mas, de um modo geral, a população civil sempre sofreu as consequências diretas desta luta sangrenta. Seja pelas mãos de guerrilheiros, narcotraficantes, paramilitares, bandos criminosos (Bacrim) ou grupos não oficiais formados por integrantes das Forças Armadas da Colômbia, a população civil foi vítima de homicídios, execuções extrajudiciais, recrutamento forçado, extorsão, estupro, sequestros e trabalho forçado.

Por esses motivos, estima-se que mais de 5 milhões de pessoas, cerca de 12% da população colombiana, tenha se deslocado internamente desde o início do conflito nos anos 60 até os dias de hoje. Os números oficiais apontam uma defasagem em relação à realidade, já que em muitos casos as pessoas em condição de deslocamento não relatam o status de deslocado por desinformação, medo de perseguição ou de retaliações.

Escolha do tema e da linguagem

A opção de retratar por meio de documentário a situação de violação de Direitos Humanos na América Latina surge a partir de uma vontade pessoal, mesclando a intenção de trabalhar com algum produto de comunicação envolvendo os temas Direitos Humanos e América

¹ Os deslocados internos são pessoas ou grupos de pessoas que são forçadas ou obrigadas a fugir ou deixar seus lares ou sua residência habitual, como resultado de ou para evitar os efeitos de um conflito armado, situação de violência generalizada, violação dos direitos humanos, desastres naturais ou humanos e que não tenham atravessado uma fronteira de um Estado internacionalmente reconhecido. (OCHA, 2008, p. 4)

Latina e a vontade de experimentar um produto de comunicação que tivesse uma narrativa diferente da narrativa jornalística do *hard news*.

A aproximação com a cultura latinoamericana, a vontade de realizar um trabalho de conclusão de curso em outro país, como forma de trabalhar internacionalmente um tema escolhido, e as graves violações de Direitos Humanos que acontecem na América Latina, foram delimitando meu local de investigação. A definição final do país veio após uma experiência de estágio, em uma organização internacional pela defesa de pessoas deslocadas e refugiadas.

Foi com surpresa, durante o estágio no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, que soube que a maior população de refugiados que vive no Brasil é de colombianos, que sofrem até os dias de hoje as consequências do conflito armado interno. Além de este dado ser significativo para o Brasil, o desencontro desta informação com as notícias veiculadas pela mídia internacional, que dão a entender que o conflito na Colômbia é algo superado e controlado pelo governo, reforçou meu interesse em trabalhar este tema com uma narrativa jornalística alternativa. Era preciso buscar uma estrutura de comunicação que me permitisse aprofundar o tema do deslocamento interno e me permitisse abordar questões negligenciadas pela mídia convencional, seja pela falta de tempo e espaço ou pela própria falta de interesse.

A informação veiculada pelos meios tradicionais de comunicação a respeito do tema deslocamento interno é, em sua esmagadora maioria, focada em números e contextos políticos e históricos, e negligencia as vivências e particularidades desta situação e das pessoas que passam por essa experiência. Ainda que haja entrevistas com pessoas deslocadas, como forma de ilustração da reportagem, raramente é possível captar a dimensão do deslocamento e das mudanças por ele causadas. Entendi que o formato de documentário de entrevista me daria condições de dar enfoque nos relatos apresentados pelas pessoas que vivenciaram o deslocamento, possibilitando assim uma identificação por parte dos expectadores com essas pessoas e, assim, maior abertura deles para com o tema.

A decisão de abordar a questão do gênero dentro do deslocamento nasce a partir de uma vontade pessoal de trabalhar com a temática de mulheres, unido ao desejo de reforçar o trabalho em defesa dos direitos das mulheres por meio de um produto de comunicação com alto potencial de difusão. Desde o início das pesquisas sobre o lugar da mulher colombiana no contexto do conflito e do deslocamento percebi que este era um tema muito rico e negligenciado pela mídia internacional em geral. Entendi que tinha aí uma possibilidade de aliar duas coisas: a produção de

um material inédito e a oportunidade de produzir um material de comunicação capaz de sensibilizar para uma causa.

Para conseguir entender melhor a narrativa de documentário, foi preciso pesquisar também a respeito da história do cinema, dos estilos e estéticas de documentário e das estruturas dessa linguagem. Tal pesquisa me proporcionou um enriquecimento teórico considerável, uma vez que meu único contato com audiovisual na Universidade tinha sido a matéria introdutória Oficina Básica de Audiovisual. A partir das pesquisas, pude perceber a proximidade entre jornalismo e cinema de documentário, abrindo assim a possibilidade de usar os conhecimentos adquiridos durante o curso de jornalismo em uma nova área da comunicação.

2. OBJETO E OBJETIVOS

2.1 Objeto de pesquisa

Com este trabalho pretendemos analisar a estrutura da linguagem de documentário, o processo de construção da narrativa por meio do roteiro e, principalmente, destacar a possibilidade de informar acerca de temas negligenciados pela narrativa jornalística do *newsmaking*. É possível construir uma narrativa jornalística que adote valores-notícias distintos ao da notícia? E mais, podemos usar a estrutura de documentário para fazê-lo?

2.2 Objetivos da pesquisa

O objetivo da produção deste documentário é o de experimentar uma narrativa jornalística alternativa à do *newsmaking*, modelo de jornalismo dominante no Brasil desde a segunda metade do século XX. Considerando a estrutura de produção de documentário, o distanciamento temporal dos acontecimentos factuais e o tempo dispensado na realização do projeto final, esperamos observar como a construção desta narrativa pode ser uma opção aos meios tradicionais de informação, dando destaque às questões humanas presentes nos acontecimentos.

O tema, mulheres colombianas em situação de deslocamento, foi escolhido devido ao potencial valor-notícia embutido nesta problemática. O objetivo das pesquisas sobre esta temática, principalmente as realizadas em campo, é o de entender o que é o processo do deslocamento para essas mulheres, como elas se sentem em meio ao conflito armado interno na Colômbia, na tentativa de conseguir uma aproximação com a realidade experimentada por essas pessoas, buscando retratá-la da maneira mais verossímil possível.

2.3 Objetivos do produto

O objetivo imediato deste documentário é dar visibilidade à situação de mulheres que foram deslocadas pelo conflito armado interno na Colômbia. Não só mostrar a violência à qual elas são submetidas no momento em que são expulsas das próprias casas, ou que as abandonam sob ameaça de morte, mas também os desdobramentos da condição de deslocada, a rotina de reconstrução das próprias vidas e o tratamento dispensado a elas por parte do governo e da população deste país.

Em maior escala, pretende-se que esse documentário seja fonte de inquietação para com a situação de violações de Direitos Humanos cometidos contra essas mulheres colombianas e contra outras pessoas que são obrigadas a deixar suas casas em razão de conflitos armados, sejam elas pessoas deslocadas internas ou refugiadas. Pretende-se também que, a partir das inquietações levantadas, seja possível reivindicar melhor condição de subsistência para essas mulheres e outras populações migratórias.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha de um produto audiovisual para a conclusão da graduação em jornalismo se justifica pela percepção de que produtos de comunicação apresentados em suporte de vídeo, sejam eles documentários, webdocumentários ou vídeos institucionais, têm grande potencial informativo e maior aceitação do público receptor.

O fato retratado é recortado, guardado e transportado para o suporte onde a expectadora ou expectador irá revivê-lo. No vídeo, algumas características como o duplo estímulo de sentidos (visão e audição) deste suporte e a fluidez com a qual a informação “corre”, semelhante à estrutura da comunicação verbal informal, possibilitam maior facilidade no processo de compreensão da informação por parte das receptoras e receptores da mensagem. Essa facilidade ajuda o trabalho das comunicadoras e comunicadores que pretendem captar a atenção do público para temas geralmente menos cobiçados pela opinião pública, temas que não estão no foco da agenda de discussões, como é o caso dos Direitos Humanos no Brasil e em outros países da América Latina.

Apenas se considere que o Brasil é um país onde mais de 95% das residências possuem aparelho de televisão², e que essa mesma televisão é, se não a única, uma das poucas atividades de entretenimento proporcionadas a grande parte da população brasileira, é possível concluir que existe uma cultura de familiaridade ao formato audiovisual. Mas essa cultura não está restrita ao nosso país, ela é global.

Para além desse contato mais direto com a expectadora ou expectador, o documentário também surge como uma alternativa aos modelos tradicionais de informação. É uma alternativa mais rica na construção da linguagem, uma vez que, além das informações ditas e descritas, com a narrativa de documentário é possível captar informações contidas em todo o espaço que está sendo capturado pela íris da câmera.

Os gestos, as pausas, o ambiente e os detalhes, tudo é elemento para a construção de significados da narrativa. A própria expressão das emoções das pessoas entrevistadas contribuem para essa construção.

² Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese de indicadores 2011.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO

Origem do conflito

O histórico de conflitos políticos na Colômbia³, que mais tarde deram origem aos grupos guerrilheiros e que hoje desembocam na atual situação dos conflitos armados internos no país, teve início ainda na década de 40, quando o mundo inteiro vivia sob a tensão da Guerra Fria. Na Colômbia, esses conflitos políticos adquiriram um caráter de muita violência, uma das características mais marcantes do processo histórico de disputa por poder e pelo controle e distribuição de terras.

O uso da violência surge como uma ferramenta de reivindicação por parte dos grupos oprimidos, e como forma de intimidação por parte de grupos dominantes. Essa característica é tão evidente no processo de luta agrária e disputa política que, no início do século, o país viveu um período conhecido como “*La Violencia*”⁴.

Durante este período (décadas de 40 a 60), grupos políticos de ideologias liberais e conservadoras lutavam pelo poder no país e, principalmente, pelo controle das terras e da distribuição delas. Duas das principais atividades econômicas na Colômbia do início do século eram a exploração de minérios, herança do período colonial, e a agricultura. É preciso entender que, ainda nos dias de hoje, o foco das disputas envolve a questão agrária, símbolo de poder e controle territorial, ainda que por motivos distintos.

Nesse contexto de disputa política entre grupos liberais e conservadores, a violência aberta e direcionada a opositores políticos, líderes sindicais e camponeses era muito evidente. Exemplo dessa disputa sangüinária foi o assassinato do candidato à presidência pelo Partido Político *Unión de Izquierda Revolucionaria* (liberal), Jorge Eliecer Gaitán⁵, em abril de 1948 – quatro meses antes das eleições presidenciais.

Gaitán era defensor dos camponeses e líder liberal popular, e foi um dos primeiros líderes a criticar publicamente a grande desigualdade de realidades entre a classe política e a classe trabalhadora. A morte dele resultou em uma onda de revoltas populares violentas em diversas

³ <http://latinamericanhistory.about.com/od/thehistoryofcolombia/p/bogotazo.htm>. Acesso em 25 de julho de 2012.

⁴ <http://manuelcepeda.atarraya.org/spip.php?article10>. Acesso em 27 de julho de 2012.

⁵ <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/g/gaitan.htm>. Acesso em 27 de julho de 2012.

idades e regiões da Colômbia, que ficaram conhecidas como “*El Bogotazo*”⁶. A partir deste momento histórico, as massas populares colombianas se organizaram em “exércitos liberais”, sob justificativa de se defenderem de arbitrariedades cometidas pelo governo conservador da época e para protestarem contra injustiças sociais herdadas do período colonial.

Formalizado o conflito, o partido liberal e o partido conservador mantinham uma disputa violenta, em um contexto onde ambos os lados assassinavam adversários políticos, e ameaçavam, com violência ou morte, simpatizantes de ideologias políticas contrárias. Em 1953, a Colômbia sofreu um golpe militar e Gustavo Rojas Pinilla⁷ assumiu a poder. Pinilla foi o responsável pela falsa negociação de anistia a camponeses dirigentes de exércitos liberais, no mesmo ano em que assumiu o poder, que resultou na morte de diversos camponeses aliados aos exércitos liberais e seus dirigentes. Esse fato marcou o endurecimento das ações dos exércitos liberais contra o governo e a população civil.

O episódio da falsa negociação gerou um conflito interno importante na Colômbia, e em maio de 1957 líderes políticos liberais e conservadores decidiram se unir para destituir do poder o ditador Pinilla. Em um acordo inédito e inesperado, os dois partidos criaram juntos a Frente Nacional⁸, aliança que governaria o país por quatro mandatos presidenciais alternando o poder entre liberais e conservadores.

Em meio a essa situação de hegemonia dos dois partidos, alguns estudantes e camponeses, inspirados pelos acontecimentos globais de luta anti-capitalista e anti-propriedade que surgiam na época - principalmente a Revolução Cubana, criaram grupos armados que atuavam no interior do país de maneira violenta para garantir e protestar por direitos. Assim surgiram, em 1964, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (*Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia* – FARC), maior grupo guerrilheiro colombiano; em 1965, o Exército de Libertação Nacional (*Ejercito de Liberación Nacional* – ELN); e em 1967, o Exército de Libertação Popular (*Ejercito de Liberación Popular* – ELP). Contemporâneo ao surgimento desses grupos guerrilheiros de esquerda nas regiões interioranas do país, a partir da década de 70, os conflitos armados

⁶ <http://www.colombiaaprende.edu.co/html/home/1592/article-122701.html>. Acesso em 27 de julho de 2012.

⁷ <http://web.presidencia.gov.co/asiescolombia/presidentes/55.htm>, acesso em 10 de fevereiro de 2013 e http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rojas_gustavo.htm, acesso em 23 de julho de 2012.

⁸ http://www.eltiempo.com/100/dk100/cronologia_centenario/ARTICULO-WEB-PLANT_NOTA_INTERIOR_100-7821758.html. Acesso em 12 de fevereiro de 2013.

chegaram também às áreas urbanas, através de estudantes e intelectuais organizados no grupo *Movimiento 19 de Abril*⁹ (M-19).

Os exércitos de guerrilha foram ganhando força e poder bélico durante os anos 70, mas foi especialmente durante os anos 80 e 90 que os guerrilheiros tiveram maior poder e influência nas decisões políticas do país. Nestas duas décadas, os integrantes das guerrilhas, e principalmente das FARC, fizeram a maior parte dos acordos políticos, realizaram ações ofensivas contra o governo e contra a população civil e tiveram o maior contingente e poder bélico.

Durante a década de 80, os governos colombianos tinham uma prática de diálogo e negociações com os grupos guerrilheiros, principalmente com as FARC, grupo mais forte e presente em maior porção de território colombiano. Baixo severas críticas internas e internacionais, os governos cederam a determinadas reivindicações levantadas pelos grupos guerrilheiros mediante diálogos, ameaças, sequestros políticos e outras ações criminosas.

Em 1984, o então presidente colombiano Belizario Betancourt, tio da ex-senadora colombiana Ingrid Betancourt, refém política das FARC entre os anos de 2002 e 2008, assinou um acordo chamado *Cese al Fuego y Dialogo Nacional*¹⁰ (Cessar Fogo e Diálogo Nacional, em tradução livre). Os avanços dos grupos guerrilheiros de esquerda foram notáveis, e culminaram na Constituição de 1991, que tem características liberais e define a Colômbia como um “país de Estado social de direito”.

Paralelamente aos avanços dos grupos guerrilheiros de esquerda, também durante a década de 80, começam a surgir os grupos paramilitares autodenominados *Autodefensas Unidas da Colombia*¹¹ (AUC, Autodefesas Unidas da Colômbia, em tradução livre), cujos objetivos declarados eram defender os proprietários de terras e a população civil de ações hostis promovidas pelos guerrilheiros. As controvérsias em relação aos paramilitares começam a aparecer pouco depois do surgimento destes grupos, quando se descobre que eles eram financiados por narcotraficantes e recebiam treinamento militar do Exército para combater os guerrilheiros de esquerda.

Posteriormente, especulou-se que os grupos paramilitares teriam nascido como parte de um projeto político, e que os alvos desses grupos seriam camponeses, sindicalistas e militantes de

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimiento_19_de_Abril. Acesso e 15 de fevereiro de 2013.

¹⁰ <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/ciencias/sena/periodismo/cartillacinco/carcin4l.htm>. Acesso em 12 de fevereiro de 2013.

¹¹ <http://colombiareports.com/colombia-news/profiles/27302-auc.html>. Acesso em 13 de fevereiro de 2013.

esquerda que contrariavam interesses de grandes empresas. Na prática, os grupos paramilitares passam a dominar as regiões onde havia cultivo e produção de drogas e exploração de minérios, expulsando dali os moradores originais e acirrando, assim, o processo de migração forçada.

Com a chegada de Andrés Pastrana Arango ao poder, em 1998, as relações entre o governo e os guerrilheiros sofreu mudanças. Já em 1998 Arango apresentou o esboço do que se tornaria o *Plan Colombia*¹² (Plano Colômbia em tradução livre) - também conhecido como Plano Marshall para Colômbia, que surgiu como um acordo de paz com os grupos guerrilheiros para cessar a violência e as ofensivas contra civis nas regiões interioranas do país. O Plano também clamava por apoio internacional para combater o narcotráfico no país. Em 2000, período do mandato presidencial de Bill Clinton, os Estados Unidos da América (EUA) assinaram um acordo oficial de participação no Plano Colômbia, fato que deu maior visibilidade internacional ao conflito colombiano.

O Plano Colômbia foi apresentado pelo governo colombiano como uma tentativa de revitalização das regiões centrais do país, à época controladas por narcotraficantes. Outros objetivos eram promover o acesso a direitos sociais nessas regiões e combater o narcotráfico no. Porém, parte do Plano incluía o reconhecimento de uma área significativa como território pertencente às FARC, fato que gerou críticas internacionais e resultou na acusação de favorecimento aos grupos guerrilheiros.

Fortes críticas¹³ surgiram também ao envolvimento dos EUA neste plano e à maneira como ele vinha sendo aplicado, onerando o Estado colombiano e causando danos à população civil. Mentres mais criativas chegaram a dizer que o Plano fazia parte de uma estratégia de combate a grupos guerrilheiros de esquerda, que à época tinham grande influência no país e reivindicavam reformas sociais estruturais e a proteção e legalização do cultivo da folha de coca como forma de expressão cultural. Outro receio era o de que os EUA usassem o argumento da proteção para ocupar territórios colombianos. As maiores investidas militares de combate ao

¹² O *Plan Colombia* é uma estratégia integrada para combater a indústria do narcotráfico, reanimar a economia colombiana e reafirmar os princípios democráticos da sociedade colombiana. Para sua execução inicial, o *Plan Colombia* aplicava US\$ 7.5 bilhões. O governo do Presidente Andrés Pastrana disponibilizou, no ano 2001, US\$ 4 bilhões dos cofres colombianos e pediu ajuda para a comunidade Internacional para o apoio dos US\$ 3.5 bilhões restantes. Em 2001, o Presidente Clinton atende ao pedido do governo colombiano com um monte inicial de US\$1.6 bilhões. Este *Plan* tem se estendido através de acordos temporário nos governos do presidente Alvar Uribe Velez e o atual presidente Juan Manuel Santos. (REVOLLO PARDO, 2011)

¹³ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/07/030711_heredia.shtml. Acesso em 13 de fevereiro de 2013.

narcotráfico aconteceram na região sul do país, região de plantio da coca e área de resistência historicamente ocupada pelas FARC.

Em clima de insatisfação geral, os últimos anos do governo Arango foram marcados pela ruptura de diálogo com os grupos guerrilheiros de esquerda. Em resposta, diversas ações violentas foram realizadas pelas FARC e pelo ELN. O golpe das FARC que mais marcou o cenário internacional foi o sequestro da ex-senadora e então candidata à presidência da Colômbia, Ingrid Betancourt¹⁴. Betancourt foi refém política das FARC entre os anos de 2002 e 2008, e foi resgatada¹⁵ pelo exército colombiano (*Fuerzas Armadas de Colombia*), junto a três norte-americanos e sete membros do exército colombiano, durante a operação Jaque, mais tarde considerada um grande trunfo político do então presidente Álvaro Uribe.

A partir de 2003, durante o primeiro mandato presidencial de Álvaro Uribe, o governo colombiano rompeu todos os diálogos e acordos com os grupos guerrilheiros e passou a classificar os integrantes desses grupos como terroristas, e não mais como beligerantes. A nova classificação alteraria o conceito de “conflito armado interno”¹⁶, que garante alguns direitos aos grupos armados, e o combate a esses grupos passaria a ser uma ação direta do governo para inibir grupos e ações terroristas no país.

Durante o governo Uribe, foi criado e implementado o Plano Patriota (*Plan Patriota*) – oficialmente chamado *Campaña Militar J.M.* Este Plano, organizado pelas Forças Militares e pela Polícia Nacional da Colômbia, tinha como objetivo central combater e desarticular os grupos guerrilheiros FARC e ELN na Colômbia. O Plano Consolidação (*Plan Consolidación*), sucessor do Patriota, continuou as investidas militares contra os guerrilheiros nas zonas rurais da Colômbia, tentando restabelecer o controle e a comunicação com as regiões do país dominadas pelos grupos de guerrilha.

O governo de Álvaro Uribe foi o que mais usou de força bélica e violência para reprimir as ações dos grupos guerrilheiros, e foi também o que causou o maior número de baixa a esses exércitos. A estratégia de Uribe, apesar de controversa, resultou em uma queda expressiva no

¹⁴ Ingrid Betancourt é uma política colombiana que lutava contra a corrupção política na Colômbia e por uma saída pacífica do conflito interno no país. Foi eleita senadora da Colômbia pelo Partido verde Oxígeno, após abandonar o Partido Liberal quando foi comprovada a denúncia de envolvimento de diversos políticos do partido com narcotraficantes.

¹⁵ <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2008/07/02/ult1859u240.jhtm>. Acesso em 12 de fevereiro de 2013.
<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL633827-5602,00-SAIBA+COMO+FOI+O+RESGATE+DE+INGRID+BETANCOURT.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2013.

¹⁶ Conflito entre o governo de um país e grupos armados de oposição a esse governo.

número de civis mortos e de ações realizadas pelos guerrilheiros, mas, nem de longe, resolveram o problema do conflito interno e da violência sofrida pela população civil.

Apesar das quedas pontuais no número de vítimas diretas ou indiretas do conflito armado, os grupos paramilitares passaram a ocupar o espaço deixado pela guerrilha enfraquecida. Desta maneira, o problema do conflito interno passou das mãos dos guerrilheiros diretamente para as mãos dos paramilitares, grande maioria deles organizados em grupos pertencentes às Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC).

Os paramilitares se apresentam como grupos independentes que surgem para defender populações e regiões onde o Estado não está presente. Eles oferecem “proteção” à população civil em troca de pagamentos (vacunas) e/ou “favores” forçados e combatem com violência grupos guerrilheiros. Na prática, eles se apropriam desse discurso para explorar civis e disputar o controle de regiões estratégicas para o transporte da droga, conhecidas como rotas das drogas, e também por terras onde é possível plantar a coca e explorar a extração de minérios e de petróleo.

O fenômeno do “paramilitarismo” foi tomando força a partir dos anos 2000, quando grupos guerrilheiros começavam a assinalar algumas dificuldades de gestão e de diálogo com o governo e começaram a perder prestígio e poder. Com as sucessivas perdas das FARC e do ELN, e com os enfraquecimentos político e de recursos desses grupos guerrilheiros, os paramilitares passaram a se tornar o problema mais latente no país.

Contexto atual

Entre os anos 2003 e 2006, durante o mandato presidencial de Álvaro Uribe, o governo colombiano iniciou uma política de combate e enfraquecimento dos grupos paramilitares que formavam as AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia) no território colombiano. Ao fim do processo, anunciaram a desmobilização de mais de 30 mil pessoas. Porém, segundo informa relatório da Human Rights Watch de 2010¹⁷, o espaço criado com a desmobilização desses grupos paramilitares foi ocupado por outros grupos com características muito semelhantes, hoje chamados de *bandas criminales* – Bacrim (bandos criminosos, em tradução livre), ou neoparamilitares. Em 2009, os Bacrim já estavam presentes em 173 municípios colombianos

¹⁷ *Paramilitaries Heirs: The new face of violence in Colombia*. Human Rights Watch, Fevereiro de 2010.

(cerca de 15% do território da Colômbia), e em 24 dos 32 departamentos do país. De acordo com relatório¹⁸ divulgado no início do ano pela organização não governamental (ONG) Anistia Internacional, os grupos continuam se expandindo em 2012.

Apesar da suposta desmobilização, os grupos paramilitares, chamados pelo governo de Bandas Criminales (Bacrim) continuam se expandindo e consolidando sua presença em todo o território colombiano. Seguem cometendo graves violações de Direitos Humanos, às vezes com conivência ou consentimento das forças de segurança, incluindo homicídio e desaparecimento forçado, assim como operações de “limpeza social” nos arredores pobres de áreas urbanas (ANISTIA INTERNACIONAL, 2012, p. 5).

Outra prova do fracasso da desmobilização dessas pessoas é a volta tão rápida do aumento nos números de violência e de pessoas mortas. Entre os anos 2007 e 2008 a tendência de queda da violência sofreu uma mudança brusca, e o número de mortes e de ações de grupos armados irregulares voltou a crescer. Essa tendência é observada até os dias de hoje, onde a violência e os conflitos aumentam a cada novo censo.

Uma possível explicação para a pouca efetividade do combate aos grupos paramilitares são as fraudes constatadas durante o processo, relatadas em documentos internos do governo colombiano e em documentos internacionais¹⁹. Chega-se a estimar, por exemplo, que 75%²⁰ das pessoas desmobilizadas como parte de dois grupos paramilitares presentes na região de Medellín não fizessem parte, de fato, destes grupos. Na tentativa de aumentar as estatísticas de efetividade de combate aos paramilitares, e também como forma de justificar as ações agressivas que o Estado colombiano vinha tomando para reprimir esses grupos, surgem os primeiros casos de “falsos positivos”²¹, como aponta o relatório global da Human Rights Watch de 2012²².

Na última década, o Exército colombiano cometeu uma quantidade alarmante de execuções extrajudiciais de civis. Em muitos casos – conhecidos como “falso positivos” – membros do Exército assassinaram civis e relataram se tratar de combatentes mortos em enfrentamento, aparentemente como resposta a uma pressão por resultados satisfatórios [no contexto do plano de enfrentamento às guerrilhas e grupos

¹⁸ La situación de los derechos humanos en Colombia: Declaración escrita de Amnistía Internacional ante la decimonovena sesión del Consejo de Derechos Humanos de la ONU (del 27 de febrero al 23 de marzo de 2012).

¹⁹ Dados fornecidos à autora pela área de Informação Pública do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

²⁰ Dados fornecidos à autora pela área de Informação Pública do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

²¹ Pessoas que não têm ligação com nenhum grupo criminoso mas são mortas e listadas pelas Forças Armadas como sendo criminosas.

²² *World Report 2012. Chapter Colombia*. Human Rights Watch, 2012.

paramilitares]. Essas execuções aconteceram em todo o território colombiano envolvendo diversos batalhões do Exército (HUMAN RIGHTS WATCH, 2012, p. 02).

A dificuldade em combater os grupos paramilitares envolve também a corrupção institucional. No início do primeiro mandato Uribe (2002-2006), surgiram as primeiras denúncias do envolvimento de políticos do alto escalão com grupos paramilitares, que ficaram conhecidas como os primeiros casos de “parapolítica”²³. Há indícios do envolvimento do próprio ex-presidente Álvaro Uribe com grupos paramilitares e neoparamilitares, quando ainda era governador da região da Antioquia²⁴ (capital Medellín) e também enquanto presidente da Colômbia, durante os dois mandatos (2002-2006 e 2006-2010). Em 1994, escândalo semelhante minou a credibilidade do então recém-eleito presidente Ernesto Samper (1994-1998), acusado de ter recebido financiamento de narcotraficantes.

A realização dessas ofensivas aos grupos armados ilegais, desde o Plano Colômbia (início do envolvimento de outros países no conflito interno) contribuiu para uma falsa sensação de resolução definitiva, o que fez com que a comunidade internacional considerasse superado o conflito na Colômbia. Apesar do notável esforço do governo colombiano para sustentar a versão de que o país superou os conflitos com as FARC e com os grupos paramilitares, os índices apresentados em relatórios recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (2011) e da ONG internacional Human Rights Watch (2010) apontam que os deslocamentos massivos, resultantes da pressão exercida pelos grupos armados irregulares, paramilitares e grupos guerrilheiros, cresceram em 2011, quando comparados ao ano anterior. Entre janeiro e dezembro de 2011, mais de 140 mil pessoas foram deslocadas pelo conflito, contra quase 88 mil em 2010.

Ainda hoje existem numerosos relatos de cobrança de vacina (espécie de imposto irregular) pelos grupos paramilitares e bandos criminosos, como forma de patrocínio das atividades que praticam e de manutenção e expansão desses grupos. A cobrança é feita a civis, com ameaças e intimidação, chegando a casos de massacres em massa em determinadas regiões. Aqueles que não pagam a quantia sofrem represálias. Muitos são assassinados, mulheres violentadas e crianças recrutadas a força para trabalhar para os grupos paramilitares. Quem

²³ Quando políticos são financiados por grupos paramilitares e mantêm relações estreitas e ilegais com esses grupos, utilizando o aparato institucional para defender os interesses deles.

²⁴ Dados fornecidos à autora pela área de Informação Pública do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

consegue escapar a tempo é obrigado a deixar a região, concretizando assim o processo de deslocamento interno.

Conflito e deslocamento

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) estima que desde o início do conflito até 2011 mais de 4,5 milhões²⁵ de colombianas e colombianos tenham migrado à força para escapar da violência resultante dos conflitos internos. Dessas, mais de 3,5 milhões migraram para outras regiões do próprio país, e se tornaram deslocados internos. É importante destacar que os números de deslocamento interno registrados dependem do reconhecimento por parte do governo da condição de deslocado em virtude do conflito. Algumas pessoas que migram para escapar da violência não chegam a informar a condição de deslocamento às autoridades colombianas, muitas vezes com medo de represálias. A estimativa de ONGs nacionais e internacionais é de que o número de deslocados internos seja ainda muito maior do que o oficial, estimando-se que a cifra chegue a 5,5 milhões.

As ofensivas do governo colombiano aos grupos armados ilegais que ameaçam a população civil não têm conseguindo inibir a violência contra os civis, que continuam obrigados a fugir. Segundo informa o ACNUR, colombianos que chegam a centros de acolhimento relatam que a violência e as ameaças de grupos paramilitares, guerrilheiros e neoparamilitares ainda é o principal motivo do deslocamento.

A situação das mulheres dentro do contexto de conflito

O tema Gênero dentro do conflito armado e também da realidade do deslocamento é remarcado em todas as entrevistas colhidas para a realização deste projeto. Para além da violência gerada pelo conflito e pelo deslocamento, as mulheres são vítimas de outro tipo de violência, baseada em gênero. São os estupros praticados contra meninas (considerar jovens de 12 a 18 anos) e mulheres como forma de intimidação e/ou vingança.

²⁵ Dados fornecidos à autora pela área de Informação Pública do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Os abusos sexuais são cometidos por todos os agentes deste conflito armado, sejam eles representantes do governo ou não, oficiais ou não. É uma prática dentro de uma sociedade machista que se acostumou a ver as mulheres como fonte de prazer sexual, ignorando as vontades e, acima de tudo, os direitos delas. São praticados, em geral, sob a certeza da impunidade. Em áreas rurais, por exemplo, é difícil haver testemunhas de um caso de estupro. Caso haja, são pessoas que vivem sob ameaça de morte, em locais onde o governo, a imprensa e os direitos de pessoa humana não conseguem chegar.

Outro fator relacionado ao estupro é o seu próprio uso como arma de guerra, como reconheceu tardiamente o governo colombiano em 2008, através do auto 092-2008²⁶ da Corte Constitucional da Colômbia. Est auto, que prevê atenção especial à condição de gênero dentro do deslocamento interno, aponta situações de vulnerabilidade vividas pelas mulheres, especificamente pelo fato de serem mulheres, e às quais os homens não estão expostos. Entre elas estão o uso do estupro como forma de intimidação às mulheres, suas famílias e às populações locais e também como forma de tortura, na tentativa de obter informações sobre grupos armados rivais.

Apesar do reconhecimento formal da violência de gênero dentro do conflito, as ações do governo têm sido lentas, e as violências praticadas contra as mulheres colombianas continuam sendo fonte de preocupação. Em 2012, relatório²⁷ da ONG de Direitos Humanos Anistia Internacional, apontou que as necessidades das mulheres colombianas e das mulheres deslocadas não estão sendo atendidas.

A violência sexual no conflito segue sendo generalizada e sistemática, e o cumprimento por parte do governo das sentenças da Corte Constitucional Colombiana sobre esse tema, especialmente no que concerne o Auto 092 de 2008, segue sendo extremamente pobre (ANISTIA INTERNACIONAL, 2012, p. 04).

A violência baseada em gênero não se restringe à violência sexual. Outras situações enfrentadas pelas mulheres em condição de deslocamento estão ancoradas nas heranças patriarcais ainda muito presentes na estrutura social colombiana, como a desigualdade de condições no mercado de trabalho, a desigualdade no acesso à educação e a suposta

²⁶ <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=biblioteca/pdf/6321> Acesso em 17 de janeiro de 2013.

²⁷ La situación de los derechos humanos en Colombia: Declaración escrita de Amnistía Internacional ante la decimonovena sesión del Consejo de Derechos Humanos de la ONU (del 27 de febrero al 23 de marzo de 2012).

vulnerabilidade de mulheres que não têm um companheiro ou filhos para prover-lhes o sustento financeiro e segurança. Para além dessas questões, também está a dor das mulheres enquanto mães, muitas vezes obrigadas a verem os filhos serem mortos ou sequestrados por grupos armados ilegais.

Considerando toda a realidade dessa estrutura patriarcal, a vulnerabilidade à qual a mulher se vê exposta vem justamente da condição de não igualdade social, na qual ela se vê subjugada a um companheiro. A partir do momento em que esse companheiro é tirado da casa, por razões do conflito ou por efeitos secundários do deslocamento, a mulher é levada a assumir a responsabilidade dos filhos, do lar e do sustento da casa, sem nunca ter sido preparada para isso. É o que aponta a colombiana que vive no Brasil, e é mestre em Psicossociologia, Catalina Revollo Pardo em sua tese de mestrado intitulada “Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos”²⁸:

Nas entrelinhas destas estatísticas, pode-se ver que a mulher é afetada de maneira diferenciada por este tipo de migração forçada, [...] seu companheiro ou seus filhos estão em vias de ser ou foram recrutados pelos grupos armados [...]. São, então, variadas as circunstâncias que fazem com que elas tenham que empreender estas travessias sozinhas ou com seus filhos, o que as coloca como um grupo vulnerável do conflito, sendo vítimas de múltiplos tipos de violências ligadas ao gênero feminino (REVOLLO PARDO, 2011, p. 17).

Assim acaba por surgir o fenômeno das *mujeres cabezas de familia* (mulheres chefes de família, em tradução livre). Ao deixarem suas antigas casas, as mulheres são obrigadas a buscar novos meios de subsistência, em geral porque já não têm mais um companheiro que traga o dinheiro para dentro da casa, e muitas vezes porque os homens, ao chegarem à nova cidade, têm maior dificuldade de se adaptarem e aceitarem a nova realidade. Este dado não é científico, é apenas uma constatação das entidades locais de defesa dos direitos das mulheres e das mulheres entrevistadas para este documentário. Apesar de ser uma constatação informal, ela foi unânime.

²⁸ REVOLLO PARDO, Catalina. Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos. Rio de Janeiro, 2010.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando o modelo de *newsmaking* como fazer jornalístico mais recorrente no Brasil e, logo, os valores-notícia atualidade, singularidade e extraordinário como os mais presentes nas notícias dos periódicos diários, percebemos que a cobertura jornalística carece de versatilidade na abordagem de determinados temas, principalmente os que não são factuais. Em casos de narrativas que privilegiam a proximidade e o interesse humano em detrimento do extraordinário, como é o caso de reportagens e documentários, uma abordagem que destaque situações experimentadas por grupos minoritários, como é o caso das mulheres, não estão descartadas.

O modelo de narrativa jornalística adotado no Brasil desde os anos 50 segue a linha das escolas norte-americanas, que dão ênfase às informações mais urgentes e inéditas em detrimento do aprofundamento dos fatos. Com o modelo de *hard news*²⁹, perde-se a prática da discussão crítica e contextualizada sobre os fatos retratados, uma vez que não há tempo e nem espaço para se debruçar sobre um único tema. Devido a isso, o modelo de jornalismo adotado a partir desta época passa a ter menor carga de opinião, deixando o foco sobre a intensificação da informação e sobre o fluxo de notícias.

Neste contexto, o documentário passa a ser uma alternativa aos vazios de informação deixados pela imprensa cotidiana. A estrutura do cinema permite a exploração de outras faces da informação, enriquecendo de detalhes a história que será levada aos espectadores. Essa curiosidade em explorar os detalhes e minúcias de alguns acontecimentos é uma demanda que existe inclusive em situações onde o desfecho da história já é conhecido, como explica Gustavo Souza no artigo “Aproximações e divergências entre documentário e jornalismo” (2006).

Mesmo num documentário [...] em que já sabemos o desfecho dos acontecimentos, não deixa de haver um impulso em querer saber as nuances que integram a história: os motivos que conduziram àquela situação, os personagens que “atuaram” de forma direta ou correlata, seus históricos e seus vínculos (SOUZA, 2006, p. 04).

Não só agregar informações que não estão presentes na narrativa do jornalismo cotidiano, o documentário possibilita também a análise do contexto, da conjuntura na qual aquele fato

²⁹ Aqui entendido como as notícias do dia, que obedecem os critérios de noticiabilidade definidos pelo tripé atualidade/singularidade/extraordinário

retratado está inserido, quais as consequências desse acontecimento e quais são os possíveis desdobramentos dele. Além disso, o documentário tem mais tempo para abordar o impacto dos fatos sobre as pessoas que o vivenciaram, tornando a narrativa mais próxima à vivência humana e, assim, aproximando essa realidade dos espectadores.

É também pelo privilégio do tempo estendido de produção que o documentarista pode ter um nível maior de intimidade com os entrevistados. Ele pretende entender a vida daquela pessoa que irá retratar, através da própria história, um acontecimento que pode ser de interesse coletivo. Para isso ele precisa se aprofundar em detalhes do cotidiano, em informações não ditas, mas constatadas ao longo de um processo de convivência. Essas nuances podem ser traduzidas para o documentário, possibilitando que o espectador também se coloque no lugar em que o documentarista esteve e possa, assim, ter o momento pessoal de convivência com as pessoas, os fatos e as histórias retratadas.

A rotina de produção jornalística raramente permite que os temas sejam aprofundados e que o espectador possa se aproximar de cada uma das histórias retratadas. Realmente, seria impossível dedicar tempo a se aprofundar na imensidão de fatos que acontecem no mundo inteiro todos os dias. Nem o próprio *hard news*, com toda a velocidade e superficialidade que lhes são característicos, podem realizar tal feito. Para que seja viável selecionar e organizar as informações que serão destacadas, o jornalismo usa os critérios de noticiabilidade e, especialmente, um de seus elementos mais notáveis, o valor-notícia. Segundo Mauro Wolf, no livro *Teoria da Comunicação* (Editoria Presença, 5ª edição, 1999), o valor-notícia é, mais do que tudo, uma prática para viabilizar a produção diária de notícias:

O rigor dos valores-notícia [...] é, antes, a lógica de uma tipificação que tem por objetivo atingir fins práticos de uma forma programada e que se destina, acima de tudo, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos. Por isso, os valores-notícia devem permitir que a seleção do material seja executada com rapidez, de um modo quase automático (WOLF, 1999, p. 197).

Ao mesmo tempo em que esses valores determinam a informação que será destacada pela imprensa e, logo, será debatido pela sociedade, determinam também a que será descartada. E o que é deixado de fora da cobertura midiática muitas vezes tem um potencial informativo imenso, principalmente se considerados os valores humano e social, não explorados a fundo pelo jornalismo diário devido a uma série de restrições já citadas anteriormente.

No caso do documentário, os critérios que definem o valor-notícia não são os mesmo adotados pelo *newsmaking*³⁰, ou seja, o tripé atualidade/singularidade/extraordinário. Em estruturas narrativas como a reportagem, a entrevista e o documentário, os critérios de noticiabilidade tendem a ser interesse humano e a proximidade (MOURA, 2012).

Não só devido ao formato, mas, principalmente, à narrativa, o documentarista pretende abordar a contextualização e os desdobramentos dos acontecimentos retratados, abandonando o apego à informação factual. Ainda que essa informação possa ser o fator que gere o interesse em documentar determinada situação, o foco da narrativa não estará sobre ela. É justamente nessa outra ótica que está a riqueza de possibilidades onde o documentarista poderá se furtar. Nas palavras de Souza (2006), “[...] o desejo é justamente saber aquilo que os “valores-notícia” não consideraram relevantes para ser veiculados. São informações que ficam à margem, mas que têm um papel decisivo para o enriquecimento da história a ser contada pelo documentário” (SOUZA, 2006, p. 04).

As informações que estão “à margem” não ocupam esse lugar por casualidade. Elas ocupam na cobertura jornalística a mesma posição que ocupam na sociedade, e têm na mídia o mesmo destaque que têm na comunidade em que estão inseridas. Sem discorrer muito a respeito da hipótese do agenda-*setting*³¹, apenas consideramos fundamental destacar a importância dos meios de comunicação na construção do imaginário coletivo.

É evidente que os meios de comunicação são um grande canal difusor de ideias e valores. Não só isso, são também umas das principais instituições de controle social. Não por acaso todos os grandes regimes ditatoriais se preocuparam em controlar a produção de informações. Nos regimes democráticos, como é o caso do Brasil, políticos e empresários influentes mantêm essa preocupação, buscando controlar os grupos de comunicação que irão defender os interesses deles por meio do controle social.

E dentro desses interesses estão, muitas vezes, o não-confrontamento aos valores éticos e morais vigentes. Não só valores, o que se pretende também é não incitar e, quando possível, coibir, o questionamento dos padrões sociais compartilhadas por uma maioria de pessoas.

³⁰ Aqui consideremos a descrição de Hohlfeldt para *newsmaking*: “especial ênfase à produção de informações, ou melhor, a potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia” (HOHLFELDT, 2001, p. 201)

³¹ Definimos aqui o agenda-*setting* como um fator que influencia, e talvez determine, os assuntos que serão discutidos por determinada comunidade ou grupo de pessoas, considerando as impressões de Eugene Shaw a respeito desta hipótese. (SHAW, 1979, p.96)

Seguindo essa lógica, grupos minoritários, melhor seria dizer oprimidos, não veem suas vozes serem ecoadas pelos meios de comunicação. Por consequência, não veem seus anseios entrarem na pauta de debates da sociedade e, logo, continuam passando longe da agenda política. Dentre esses grupos oprimidos, estão as mulheres.

O machismo, herança do patriarcado que colonizou a América Latina, ainda se mostra presente em diversas culturas do nosso continente. São os casos do Brasil e Colômbia, entre outros países que não ocupam protagonismo no contexto deste trabalho. Essa herança vem de longe, do período da revolução industrial e do surgimento do Estado de Bem-Estar Patriarcal.

O que Carole Pateman argumenta no texto “El Estado de Bienestar Patriarcal” (2000) é justamente a marginalidade à qual a mulher foi submetida em virtude do sistema patriarcal do início do século XIX. A própria história excluiu as mulheres dos momentos mais importantes da nossa humanidade, não porque elas não tenham tido papel algum nesses marcos históricos, mas porque o papel delas não foi reconhecido.

A reclusão ao lar e as funções subalternas que o patriarcado impõe às mulheres até os dias de hoje deixa essas personagens fora do espaço público, aquele espaço que consideramos político e histórico, aquele espaço onde no vemos enquanto sociedade e dentro do qual buscamos elementos de identificação pessoal para nos sentirmos pertencentes à comunidade.

Não só nos séculos passados, nos dias de hoje a mulher ainda é sub-representada na mídia e no espaço público. Ainda que elas estejam presentes em ambos espaços, as mulheres não alcançaram a notoriedade da qual os homens gozam há séculos e, principalmente, não alcançaram a autonomia e reconhecimento dentre desses espaços.

No texto “A (in)visibilidade da mulher na mídia impressa: uma análise discursiva”, Susana Bornéo Funck destaca a maneira como as mulheres são representadas na mídia. Seguindo os padrões machistas de controle do corpo da mulher, a imagem feminina nos meios de comunicação, e aqui vamos focar nos meios de comunicação noticiosos, está, em geral, ligada ao estereótipo social atribuído às mulheres, aí destacado o da submissão.

Mesmo em notícias que abordam temas políticos, que no imaginário popular ainda não estão associados à imagem feminina, a presença das mulheres se dá de maneira menos destacadas do que a dos homens. Em muitos casos essa presença está ligada a assuntos considerados fúteis, como o terninho que a ministra tal usou, ou o novo penteado da presidente de tal país. São “detalhes” que não são observados quando os interlocutores são figuras masculinas.

Bornéo Funck faz uma interessante constatação a respeito da presença das mulheres na mídia: “Grande paradoxo no que concerne à visibilidade da mulher na imprensa. Seu corpo e sua sensualidade são da maior importância, a ponto de merecer destaque na primeira página. Suas ações e seus interesses ficam marginalizados: não são notícia” (2007).

Se a representação das mulheres já é marginalizada na cobertura jornalística cotidiana, em situações de guerras e conflitos armados essa característica se acentua, uma vez que a força física é uma característica socialmente atribuída à figura masculina, e a docilidade à figura feminina.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A produção deste documentário foi desenvolvida em seis etapas: coleta de dados, coleta bibliográfica, entrevistas em campo, compilação das informações, elaboração do produto e elaboração da memória descritiva e apresentação do produto. Cada uma dessas etapas está detalhada nos tópicos abaixo

6.1 Etapas da pesquisa

➤ **Coleta de dados:** apuração e coleta de informações sobre o conflito armado interno na Colômbia, a origem, o histórico e os momentos mais relevantes do conflito. Leitura a respeito dos desdobramentos desse conflito e o efeito dele na vida dos civis colombianos, a relação do conflito com o deslocamento interno e a situação das mulheres no deslocamento e no conflito armado.

Durante esta etapa pesquisamos a cobertura das mídias local e internacional. Fizemos uma busca por notícias relacionadas aos temas “deslocamento interno” e “mulheres deslocadas” em jornais locais da Colômbia, como El País (Cali), El Periódico, El Tiempo e El Espectador (Bogotá) e El Colombiano (Medellín), bem como em agências notícias, como Reuters, e portais internacionais como BBC. A cobertura brasileira sobre o conflito no país vizinho geralmente é feita através da réplica de notas de agências de notícias.

Outra fonte importante foram os documentos produzidos por organizações globais de defesa de Direitos Humanos, tais como Human Rights Watch e Anistia Internacional, e pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ANCUR), todos disponíveis nos sites destas organizações.

➤ **Coleta bibliográfica:** Leitura sobre teoria de documentário, documentário de entrevista, jornalismo internacional e sobre mulheres refugiadas na Colômbia.

A coleta bibliográfica antes da viagem esteve focada em técnicas de entrevista, uma vez que já tínhamos em mente um formato de documentário que iria privilegiar o espaço de fala das entrevistadas. Desde o início da concepção desse projeto a intenção foi a de que as próprias mulheres colombianas deslocadas contassem suas histórias e relatassem sua condição. Ainda que tenhamos feito o trabalho de checar as informações que nos foram transmitidas por elas, as entrevistas não primaram pelo rigor jornalístico da informação, e sim pela sensação dessas mulheres. O objetivo foi extrair das entrevistas a maneira como essas mulheres se veem dentro do conflito armado, como elas enxergam esse conflito e o deslocamento, independentemente do que está sendo dito pela lei, pelos acadêmicos ou pelos jornais.

➤ **Viagem para coleta de dados em campo:** ida às cidades de Bogotá, Soacha, Granizal e Medellín. Entrevista com nove mulheres (Ana Cecília Leal, Aura Calagos, Aurora Casiera, Carolina Marín, Cecilia Marín, Gladys Gallego, Hilda Domicó, Ligia Vásquez e Rosa Zapata) que sofreram violência em razão do conflito armado interno e tiveram que se deslocar. Entrevista com pesquisadora colombiana (Catalina Revollo Pardo) que contextualizou o conflito nos últimos 50 anos e entrevista com especialista que trabalha com a questão de gênero dentro do conflito (Teemar Kidane).

Todas as entrevistas foram feitas com o apoio logístico do ACNUR, uma vez que o país estava em estado de alerta devido a um recente atentado³² na cidade de Bogotá e ao sequestro³³ de um jornalista francês pelo grupo guerrilheiro FARC. A visita de jornalistas estava restrita e o acesso a esses locais só foi possível graças ao apoio das equipes de campo do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

➤ **Compilação das informações:** organização, gravação e decupagem das imagens colhidas em campo. Finalização do roteiro.

³² http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/05/120515_bogota_clima_1f_ac.shtml Acesso em 28 de janeiro de 2013.

³³ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/05/120530_colombia_jornalista_1f.shtml. Acesso em 7 de setembro de 2012.

Esta etapa foi realizada após a volta a Brasília. As nove horas e trinta minutos de entrevistas foram degravadas e decupadas, e foi feita uma catalogação de todas as imagens de cobertura colhidas nas outras três horas de gravação. O roteiro foi se aprimorando a partir dos tópicos comuns levantados pelas entrevistadas. Ficou decidido que nem todas as entrevistadas integrariam a versão final do documentário, uma vez que o volume de conteúdo capturado era muito grande e a intenção era fazer um documentário curta-metragem.

➤ **Edição e finalização do vídeo** (imagens e texto): Finalização técnica do documentário. Nesta etapa foram imprescindíveis a participação dos colaboradores Diego Rebouças e Luca Leocádio, que ajudaram, respectivamente, com o roteiro e a montagem do documentário. Ambos colaboradores trabalharam sem nenhum tipo de remuneração financeira.

➤ **Apresentação** do produto final: Produção da memória descritiva do produto e entrega e apresentação do produto final.

6.2 Diário de bordo³⁴

O primeiro desafio com o qual me deparei neste projeto foi o da produção de uma viagem internacional a um país onde eu nunca havia estado, e, sobretudo, para tratar de um assunto ainda novo para mim. Todo o conhecimento que eu tinha era teórico, a partir de estudo sobre deslocamento, conflito armado da Colômbia e sobre a situação das mulheres dentro desses dois contextos. Eu não tinha fontes que haviam vivenciado esse processo, e tinha uma vaga ideia de por onde poderia começar a procurar por mulheres que aceitassem falar sobre o deslocamento e contassem suas histórias para a câmera de uma desconhecida brasileira. Para o sucesso dessa etapa foram indispensáveis a colaboração da assessora de imprensa do Alto Comissariado das

³⁴ Redação em 1ª pessoa do singular

Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) em Bogotá, Diana Díaz, e da responsável de Programas do escritório da mesma organização em Medellín, Ana Maria Quiros.

Foi através dessas duas pessoas que consegui contatar todas as entrevistadas deste documentário. É preciso destacar que todas as mulheres entrevistadas tinham algum tipo de contato com trabalhos sociais e de liderança local, e justamente por isso já tinham, em algum grau, uma relação pré-estabelecida com os funcionários e com o trabalho realizado pelo ACNUR. Este fator foi fundamental para gerar maior confiança entre mim e as entrevistadas, uma vez que nem todas as mulheres que participaram das entrevistas estão acostumadas a relatar suas histórias para desconhecidos, muito menos com a presença de uma câmera de vídeo.

Não só o apoio logístico, o ACNUR também disponibilizou os seguintes materiais de filmagem: Câmera Sony Full HD com baterias e microfone lapela sem fio. Como meu documentário seria rodado fora do país, não obtive permissão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília para gravá-lo com material da própria faculdade. Em contrapartida à cessão dos equipamentos, o ACNUR solicitou que, uma vez apresentado à Universidade, o documentário seja veiculado nas versões espanhol e português do site da instituição. Esse acordo foi previamente autorizado pela direção da Faculdade de Comunicação. É importante remarcar que dentro deste acordo o ACNUR não teve o direito de realizar nenhum tipo de interferência durante o processo de captação e edição das informações. Uma vez finalizado documentário, caberá à instituição decidir se divulgará em suas páginas ou não, sem que para isso seja necessário haver alterações no conteúdo.

Cabe destacar que os gastos para a realização deste projeto foram integralmente arcados pela autora, e estão melhor descritos no sub-tópico intitulado “Orçamento”.

Primeiras impressões

Cheguei à Bogotá, capital da Colômbia, no dia 06 de agosto de 2012, uma segunda-feira, às vésperas de um feriado nacional. Segui diretamente para o escritório do ACNUR em Bogotá, onde teria pouco menos de uma hora para almoçar e pegar os equipamentos para a filmagem da primeira entrevista. Já no caminho percebi que a ideia preconcebida que eu tinha a respeito da capital da Colômbia era completamente equivocada. Esperava encontrar uma cidade subdesenvolvida, sem infraestrutura, com prédios antigos e com urbanização precária. A imagem

clássica dos países da América Latina (excluídos os países do Cone-Sul político) descritos por não latinos, ou por latinos que não visitaram o próprio continente. Ainda que essas imagens também tenham surgido, principalmente nas periferias e na zona central da cidade, Bogotá demonstrou ser, acima de tudo, uma grande cidade de negócios.

Estive brevemente no escritório do ACNUR e me encontrei com a assessora de imprensa Diana Díaz, que me acompanharia à primeira entrevistada da viagem: uma mulher indígena deslocada. A caminho do local combinado fomos informadas de que a entrevistada estava viajando, e não tinha previsão para voltar à cidade. Ansiosa por não conhecer a assessora Diana, por não saber se as entrevistas estavam de fato agendadas ou se haviam sido agendadas com mulheres verdadeiramente comprometidas, e ainda tentando me adaptar ao espanhol colombiano e à fluência da fala dos colombianos, tive que aguardar mais dois dias para começar a gravação das entrevistas.

Entrevistas

Assim que cheguei ao local combinado para a segunda entrevista agendada, percebi que o desenvolvimento, os recursos e toda a infraestrutura encontrados na capital colombiana ficavam para trás, no cruzamento da rodovia, e não chegavam à vizinha Soacha, que recebe a maior parte dos deslocados internos que chegam à capital em busca de segurança e oportunidades. Eu estava chegando a um lugar marginal, para ouvir histórias de mulheres igualmente posicionadas à margem da história do conflito.

As primeiras entrevistas aconteceram na sede do coletivo de associações de moradores deslocados de Soacha. Lugar simples, com apenas uma mesa na entrada e uma pia e fogão ao fundo. Na janela uma cortina preta e queimada, possivelmente por uma chama do fogão que ficava logo abaixo, davam indícios da precariedade enfrentada pelos líderes comunitários locais.

O procedimento das entrevistas foi o mesmo em todos os encontros: eu me apresentava, apresentava o projeto e explicava minhas expectativas em relação à entrevista. A partir das pesquisas feitas antes da viagem, preparei um roteiro que envolvia basicamente as perguntas a seguir: nome, idade, de onde se deslocou, por que motivo se deslocou, se acha que o fato de ser mulher a fez passar por alguma situação que um homem não passaria, como é a rotina na nova

cidade, se voltaria à casa antiga. Esse roteiro também foi apresentado a elas antes de começarmos as gravações.

As entrevistas foram feitas em formato de conversa informal, na tentativa de deixar as entrevistadas o mais a vontade e o menos intimidadas possível. As interrompi raras vezes, em geral quando elas já estavam se desviando muito dos assuntos deslocamento e/ou conflito armado interno ou quando eu não entendia alguma das palavras ou expressões ditas pelas entrevistadas.

Resolvi adotar essa postura inspirada no trabalho da jornalista Eliane Brum, que me foi apresentada na disciplina Campus II pelo professor Solano Nascimento. Junto a Cremilda Medina, escolhi Brum como referência de entrevistadora, pelo profissionalismo, sensibilidade e interesse com os quais ela trata os entrevistados. A frase “o repórter está lá para ouvir, e não para falar”, dita por Eliane Brum em sua palestra no 6º Congresso de Jornalismo Investigativo da ABRAJI, em 2011, inspirou minha postura nas entrevistas colhidas para este trabalho.

No total, foram nove horas e meia de entrevistas com mulheres deslocadas (Ana Cecília Leal, Aura Calagos, Aurora Casiera, Carolina Marín, Cecilia Marín, Gladys Gallego, Hilda Domicó, Ligia Vásquez e Rosa Zapata) e uma hora de entrevista com a responsável por deslocamento e gênero do ACNUR (Teemar Kidane). Nem todas as entrevistadas puderam ser inseridas na versão final deste documentário, uma vez que o formato escolhido foi o de documentário curta-metragem.

Dificuldades

Logo que comecei a primeira entrevista senti a dificuldade de me comunicar fluentemente em outro idioma. Havia estudado espanhol e feito uma imersão de dois meses em um país de língua espanhola no início do ano, mas meu conhecimento ainda não era suficiente para captar as nuances do vocabulário. Minhas perguntas diziam respeito às vidas das pessoas, não eram perguntas simples com respostas objetivas. Tive o receio de parecer rude ao não usar as palavras certas nas perguntas e gerar algum tipo de desconforto nas entrevistadas.

Tal desconforto seria extremamente prejudicial ao processo das entrevistas. Sobretudo seria uma falha ética como jornalista não respeitar as histórias alheias, mas uma má interpretação das minhas palavras por partes das mulheres entrevistadas também poderia causar certo distanciamento entre nós, o que prejudicaria a qualidade do material colhido. Por precaução, pedi

à assessora Diana, nascida na Colômbia e que conhece tanto o contexto do deslocamento quanto as expressões locais, que me indicasse algumas palavras que fariam as mulheres entenderem o que meu espanhol brasileiro estava perguntando a elas.

Não só a dificuldade em me expressar, outro desafio trazido pelo idioma foi a compreensão de parte das respostas dadas pelas entrevistadas. Muitas delas não foram alfabetizadas e viveram grande parte de suas vidas reclusas ao campo, em regiões interioranas do país. O forte sotaque de algumas delas dificultou a compreensão. Confesso que houve casos em que eu só fui entender as situações narradas após ter escutado as entrevistas durante o processo de gravação. Acredito que não tenha sido algo que prejudicou minha interação com elas e nem as entrevistas, mas eu certamente poderia ter feito outras perguntas a partir de algumas falas que eu só fui compreender meses após o retorno a Brasília.

Outra dificuldade encontrada na etapa das entrevistas foi a falta de conhecimento prévio a respeito das mulheres entrevistadas. Por algum motivo, não me foi permitido ter acesso às histórias delas antes das entrevistas. Eu tinha apenas informações gerais como nome, idade, ocupação e cidade de onde tinham sido deslocadas. Entendo que essa medida possa ter sido tomada por precaução, assim a única história que eu saberia dessas mulheres seria a que elas decidissem me revelar, a que elas quisessem tornar pública, e não o que contaram ao serviço de assistência social. Os depoimentos dados aos órgãos responsáveis pelo registro de pessoas deslocadas são sigilosos e, nesse caso, elas poderiam ter dado detalhes que não desejassem trazer a público. Tal implicação é consequência do tema que resolvi abordar.

Ainda que essa medida se justifique, confesso que o não conhecimento prévio das histórias impediu que eu fosse muito além das perguntas básicas já previstas no roteiro da entrevista, uma vez que eu não tinha conhecimento específico sobre os casos do conflito que haviam feito cada uma delas se deslocar.

Não só a incapacidade de me aprofundar, o desconhecimento a respeito dessas mulheres também teve um efeito inesperado sobre uma jovem repórter acostumada aos números, ofícios e respostas oficiais enviadas por assessorias. Nunca havia feito uma reportagem baseada em depoimentos envolvendo uma temática tão sofrida quanto é a do deslocamento pelo conflito. Essas mulheres deixaram não só a casa e toda uma vida construída para trás, mas em muitos casos foram abusadas, perderam a família, a esperança.

Os primeiros depoimentos me chocaram, em parte pela dureza do que me foi relatado, e em parte pela serenidade com a qual as entrevistadas o fizeram. Logo percebi que a realidade do conflito é aquele tipo de sofrimento cotidiano, habitual, que de tão comum já não choca, mas ainda dói. Pouco a pouco fui compreendendo a visão que a sociedade colombiana tem das pessoas deslocadas. Percebi também a maneira como essas mulheres se sentiam vistas por essa mesma sociedade. Com o avançar das entrevistas adquiri a capacidade de escutar os relatos sem a inicial expressão de espanto, expressão essa que imagino ter me acompanhado nas primeiras entrevistas.

Sem dúvida teria sido extremamente importante realizar uma segunda viagem à Colômbia, para afinar as entrevistas e definir melhor o enfoque deste trabalho. As limitações financeiras, porém, não me permitiram isso. O primeiro contato com as mulheres entrevistadas, que deveria ter servido como um momento de pesquisa, acabou tendo que se transformar no último e definitivo contato, já de gravação dos depoimentos.

Essa prática dificultou bastante o processo de montagem, uma vez que o material não tinha um enfoque definido e foi preciso buscar nas falas delas o fio condutor da mensagem que eu gostaria de passar adiante. O roteiro foi construído a partir do material e do que foi constatado em campo.

Restrições de acesso e mobilidade

À época da minha viagem à Colômbia dois recentes incidentes de maior proporção tinham deixado em alerta a capital Bogotá e todo o país. Em maio de 2012, a explosão³⁵ de um ônibus em Bogotá reacendeu a sensação de insegurança generalizada. Todo o país e, sobretudo, as entidades que trabalham com temas relacionados às consequências do conflito, como é o caso das organizações que defendem os direitos dos refugiados, deslocados e pessoas que lutam pela restituição de terras, adotaram medidas de seguranças mais restritivas. Outro fator que aumentou o estado de alerta, principalmente no que diz respeito à cobertura jornalística do conflito, foi o sequestro³⁶ pelas FARC de um jornalista francês em abril de 2012.

³⁵ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/05/120515_bogota_clima_1f_ac.shtml Acesso em 28 de janeiro de 2013.

³⁶ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/05/120530_colombia_jornalista_1f.shtml. Acesso em 7 de setembro de 2012.

O efeito disso sobre este trabalho foi a dificuldade de estar nos locais onde vivem as mulheres deslocadas. Em geral, elas vivem em áreas marginais, que estão sob controle de grupos ligados ao tráfico de drogas. As visitas às entrevistadas não podiam se prolongar muito, e eu não tinha a liberdade de sair pelas ruas para fazer imagens de cobertura, uma vez que minha segurança não estaria garantida. O ACNUR exigiu como premissa para oferecer o apoio técnico que eu seguisse as regras de segurança por eles adotadas. Optei por aceitar o acordo, segura de que essa postura não interferiria no conteúdo do documentário e de que minha integridade deveria ser assegurada acima do interesse da notícia.

Foram considerados também os riscos às mulheres entrevistadas. Elas poderiam estar expostas pelo fato de estarem recebendo uma equipe de reportagem, considerando que já é fato conhecido que a maioria delas trabalha em espaços de reivindicação de direitos e de combate ao conflito armado. Isso nos impossibilitou, por exemplo, de passar um dia inteiro acompanhado a rotina das entrevistadas.

Por esses motivos, as imagens de cobertura só puderam ser feitas de dentro do carro em movimento. Em algumas raras exceções consegui que o motorista que nos acompanhava nas entrevistas parasse o carro por alguns instantes para que fizéssemos imagens. Apenas em duas ocasiões pudemos parar a filmar com mais calma. Ambos locais, porém, eram afastados e desertos, o que permitia enquadrar imagens panorâmicas das cidades, porém não permitiam que a rotina e a vida dessas mesmas cidades fossem capturadas.

A escolha das cidades, as duas maiores da Colômbia, foi feita justamente pela possibilidade de acesso. Tive a preocupação de evitar me deslocar por terra, uma vez que as estradas são alvos constantes de emboscadas feitas por grupos armados ilegais.

6.3 Cronograma

| Atividades | Meses (2012) | | | | | Meses (2013) | |
|---|-----------------------------------|-------------|------------------|---------------------------------|-------------|---------------------|-------------|
| | <i>Abr. / Mai. / Jun.</i> | <i>Jul.</i> | <i>Ago.</i> | <i>Set./ Out./ Nov.</i> | <i>Dez.</i> | <i>Jan.</i> | <i>Fev.</i> |
| Apuração e coleta de informações sobre os conflitos na Colômbia. | X | X | X | | | | |
| Coleta bibliográfica | X | X | X | X | X | X | X |
| Viagem para entrevistas e coleta de dados em campo. | | | X (de 6 a 20) | | | | |
| Degração e decupagem do material em vídeo e organização das informações coletadas em campo. | | | | X | | | |
| Montagem e finalização do documentário | | | | | X | X | X |
| Produção da memória descritiva do produto. | | | | | X | X | X |
| Entrega e apresentação do memorial descritivo e do produto. | | | | | | | X |

6.4 Orçamento

| Item | Quantidade | Valor |
|---|-------------|---------------------|
| Passagens <i>Brasília – Bogotá (ida e volta)</i> <i>Bogotá – Medellín (ida e volta)</i> | 4 trechos | R\$ 1.375,51 |
| Hospedagem <i>Bogotá</i> | 5 noites | R\$ 400,00 |
| <i>Medellín</i> | 5 noites | R\$ 440,00 |
| <i>Bogotá</i> | 3 noites | R\$ 240,00 |
| Alimentação, transporte e custos adicionais da viagem. | 15 dias | R\$ 1.000,00 |
| Produção da embalagem e do suporte de mídia (DVD) | 10 unidades | RS 50,00 |
| Impressão da memória do produto, com encadernação. | 6 cópias | R\$ 130,00 |
| TOTAL | | R\$ 3635, 51 |

6.5 Equipe de produção do documentário

Produção e Direção: Livia Mota

Entrevistas: Livia Mota

Imagens: Livia Mota e Diana Díaz

Roteiro: Livia Mota

Montagem: Livia Mota, Luca Leocádio, Raphael Rabelo e Rafael Monteiro

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a reportagem e a entrevista, o documentário é um estilo narrativo que permite o foco sobre os valores-notícia negligenciados pelo *hard news* e pelo modelo jornalístico do *newsmaking*. Percebermos, através da produção deste documentário, que é possível dar ênfase ao fator humano presente nesta e em outras problemáticas retratadas pelo jornalismo sem que isso prejudique a transmissão da informação.

Podemos dizer que conseguimos trabalhar o tema do deslocamento interno a partir de uma perspectiva que valoriza a história das mulheres que o vivenciaram, os desdobramentos que esse fato acarretou, a nova realidade das vidas delas, e o trabalho que vem sendo feito, ou não, pelas autoridades colombianas para solucionar essa questão. Por esse documentário, pudemos dar visibilidade às histórias e às reivindicações dessas mulheres.

A rotina adotada na produção do documentário permitiu que experimentássemos uma imersão mais longa na realidade das entrevistadas. Não só pelo fato de tê-las entrevistado no próprio país, mas por termos passado mais de um ano completamente envolvidos pela história e pelos desdobramentos do conflito e do deslocamento interno na Colômbia. Durante mais de um ano acompanhamos este único tema, que chegou a fazer parte do nosso próprio cotidiano.

As entrevistas colhidas em campo foram essenciais para que pudéssemos nos aproximar da realidade do deslocamento. Não só as histórias que nos foram contadas, conhecemos também os locais onde essas mulheres vivem, os sonhos delas, realidade à qual elas estão submetidas e também a maneira como elas são vistas, com preconceito, pela sociedade em geral. Percebemos que todos esses fatores são desdobramentos do próprio deslocamento.

A experiência de fazer as entrevistas em outro país, outro idioma, a partir de um olhar estrangeiro, também foi extremamente enriquecedora. Percebemos que foi o grande o desafio de nos inserirmos, ou tentarmos fazê-lo, em um contexto alheio e bastante distinto ao do nosso cotidiano. Este é um exercício que deve ser aprimorado por nós, jornalistas, documentaristas, comunicadores de histórias alheias.

Não só querer dar voz a essas mulheres, através deste trabalho buscamos também construir uma voz própria, que provoque a estrutura já estabelecida do *newsmaking*, chamando a atenção para a riqueza das histórias humanas presentes nos acontecimentos noticiados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA E FILMOGRÁFICA

➤ **Referência bibliográfica:**

ANISTIA INTERNACIONAL. **La situación de los derechos humanos en Colombia.** Declaración escrita de Amnistía Internacional ante la decimonovena sesión del consejo de derechos humanos de la ONU (del 27 de febrero al 23 de marzo de 2012). 2012.

BORNEO FUNCK, Susana. **A (in)visibilidade da mulher na mídia impressa: uma análise discursiva.** Revista Comunicação e Inovação, ISSN 2178-0145, janeiro-junho 2007.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real.** São Paulo: Globo, 2008.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: Tradição e transformação do documentário.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Relatório anual 2012, com dados de 2011. Capítulo: Colômbia.** Human Rightst Watch, Nova York, 2012.

MOURA, Dione. **O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário.** In MOULLIAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido.** Maurice Moulliaud; Sergio Daryell Porto [Organizador]. Sergio Grossi Porto, tradução – 3. Ed. rev. ampl. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP. Papyrus, 2005.

PATEMAN, Carole. **El Estado de Bienestar Patriarcal.** 2000.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário.** Doc On-line, n.06. Campinas, agosto de 2009.

REVOLLO PARDO, Catalina. **Migração Forçada de Mulheres na Colômbia: trajetórias e testemunhos.** Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Gustavo. **Aproximações e divergências entre documentário e jornalismo.** UNIrevista - Vol. 1, nº 3 : Julho, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Tradução: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Editorial Presença. 5ª edição, Lisboa, 1999.

➤ **Referência Filmográfica**

A Galinha que Burlou o Sistema. Quico Meirelles. Brasil, 15 min., 2012, documentário/ficção.

A Teta Assustada. Claudia Llosa. Peru, 94 min., 2009, ficção.

À Margem da Imagem. Evaldo Mocarzel. Brasil, 72 min., 2003, documentário.

Cabra Marcado para Morrer. Eduardo Coutinho. Brasil, 119 min., 1984, documentário.

Chocó. Jhonny Hendrix Hinestroza. Colômbia, 80 min., 2012, ficção.

Dez Vezes Venceremos. Cristian Jure. Argentina, 75 min., 2011, documentário.

Disque Quilombola. David Reeks. Brasil, 14 min., 2012, documentário.

Edifício Master. Eduardo Coutinho, 2002, 110 min., documentário.

Estruturas Metálicas. Cristian Vidal L. Chile, 47 min., 2012, documentário.

Extremos. João Freire. Brasil, 24 min., 2011, documentário.

Juanita. Andrea Ferraz. Brasil, 8 min., 2011, documentário.

Marighella. Isa Grinspum Ferraz. Brasil, 100 min., 2012, documentário.

Notícias de uma guerra particular. Kátia Lund/João Moreira Salles, 57 min., 1999, documentário.

O Dia que Durou 21 Anos. Camilo Tavares. Brasil, 77 min., 2012, documentário.

O Veneno Está na Mesa. Silvio Tendler. Brasil, 50 min., 2011, documentário.

Resistencias Urbanas. Noticiero Internacional del Barrio. Bolivia/Venezuela/Brasil/Colômbia/França/Bélgica/Espanha, 35 min., 2006, documentário.

Saia se Puder. Mariano Luque. Argentina, 66 min., 2012, ficção.

Santiago. João Moreira Salles, 80 min., 2007, documentário.

Santo Forte. Eduardo Coutinho. Brasil, 80 min., 1999, documentário.

Tomando Partido. Comunicador@s Populares por la Autonomia. México/Guatemala/Honduras, 23 min., documentário.

Virou o Jogo: A história de pintadas. Marcelo Villanova. Brasil, 15 min., 2012, documentário.

ANEXO

➤ Roteiro

Filme: **Golpecitos a la Puerta**

Versão: Final

Data: 04/03/2013

| VÍDEO | ÁUDIO |
|---|--|
| <p>01 – CG Tela preta.</p> <p>Em fade in, entra o lettering: Este documentário é uma realização independente. Foi apresentado, em 2013, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social pela Universidade de Brasília.</p> | |
| <p>02 – CG Tela preta.</p> <p>Em fade in, entra o lettering: Apoio ACNUR</p> <p><i>Em fade in, entra o lettering:</i> GOLPECITOS A LA PUERTA</p> <p>Fade out do lettering.</p> | <p>Aurora OFF <i>Durante 15 segundos ela canta “Golpecitos a la puerta” em tela preta.</i></p> |
| <p>03 – Clipe</p> <p>Montagem paralela: alternar imagens da janela do vagão de metrô com as manchetes de jornal.</p> <p>Vagão - 1</p> <p>Manchete – 1 <i>2ª maior economia América do Sul</i></p> | <p>Gladys OFF</p> <p><i>Sound design barulho de trem/metrô</i></p> <p>Todo lo teníamos, teníamos la salud, la comida, la garantía a no violencia.//</p> |

| | |
|---|---|
| <p>Vagão - 2</p> <p>Manchete – 2 <i>Dados positivos área rural</i></p> <p>Vagão - 3</p> <p>Manchete – 3 <i>Deslocamento</i></p> <p>Vagão - 4</p> | <p><i>Sound design barulho de trem/metrô</i></p> <p>Éramos felices, con el esposo.// con los hijos, con la familia.// la integración de los vecinos.//</p> <p><i>Sound design barulho de trem/metrô</i></p> <p>Es decir, todo era como decimos nosotros, color de rosa, bonito.//</p> <p><i>Sound design barulho de trem/metrô</i></p> |
| <p>04 – Entrevista</p> <p>Lettering: HILDA Domicó</p> | <p>Hilda ON</p> <p>En mi comunidad, yo tenía una vida plena.// cuando digo una vida plena es que en una vive y siente que tiene todo, la tierra, la casa, el trabajo, la familia.// todas esas cosas son importantes para una sentirse libre, plena, en todas nuestra cosas, cierto?//</p> |
| <p>05 – Entrevista</p> <p>Lettering: ANA CECILIA Reyes</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>Tenía una finca de 900 hectáreas.// cultivaba coca.// cada dos meses se cogían, pues, 300 millones, cuando estaba más mal el trabajo se cogía 180, 180 millones.//</p> |
| <p>06 – Entrevista</p> <p>Lettering: GLADYS Gallego</p> | <p>Gladys ON</p> <p>Uno nos e preocupaba como que por nada.// porque uno todo lo tenía.//</p> |
| <p>07 – Entrevista</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>Ahora yo quería una guanábana, ahí la cogía en la mata.// quería una papaya la arrancaba de la mata.// quería un chontaduro, que me gusta tanto, allá tenía como una quinientas palmas de chontaduro.// se dé mucho alimento.// a mi ya me quitó el dolor de cabeza tomando ese jugo.// jugo, chiche,</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>hacíamos de chontaduro.// gallinas a cualquier cantidad.// marranos, también.// chivos.// de todo, de todo.//</p> |
| <p>08 – Clipe</p> <p>Vemos as imagens de vídeos da internet</p> <p>Lettering: IMAGENS DA INTERNET</p> | <p><i>Ruído de tiroteio/ Ruído original do vídeo</i></p> |
| <p>09 – Entrevista</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>Ya las nueve de la noche se explotó la... los cilindros de 40.// cuando acabaron el pueblo.// [choro interrumpe]</p> |
| <p>10 – Entrevista</p> <p>Lettering ROSA Zapata</p> | <p>Rosa ON</p> <p>Me fui, y si, la llamada a las 10 De la mañana, me dijeron, y yo recibí la llamada y era que desocupara la vereda si quería seguir viviendo//</p> |
| <p>11 – Entrevista</p> | <p>Gladys ON</p> <p>Se escuchaban las voces que se iban a meter, que nos iban a sacar, que iba llegar un helicóptero a bombardearnos, y esas amenazas de que se... de voz.// que sí, que entraban, que no entraban, que Así era la presión.// entonces tampoco nos dejaban salir.//</p> |
| <p>12 – Entrevista</p> <p>Lettering CECILIA Marín</p> | <p>Cecilia ON</p> <p>Comenzaron los... puedo decir?//... paramilitares.//</p> |
| <p>13 – Entrevista</p> | <p>Aura OFF</p> <p>Allá en el pueblito empezaron a llegar tanta gente, pero uno no sabía que eran paramilitares... Llegaron a posicionarse así de fincas que mirábamos era 20, 30 muchachos pasando por ahí.//</p> |

| | |
|---|--|
| <p>14 – Entrevista</p> <p>Lettering: AURORA Casiera</p> | <p>Aurora ON</p> <p>Ellos llegan ahí la hora que le dé la gana y van a la casa de una vecina: ‘dame la comida, dame esto que yo quiero’ // si hago un mercadito en la nevera ellos quieren, o sea, cogen lo mejor para ellos e uno tiene que comer lo peor que queda //</p> |
| <p>15 – Entrevista</p> | <p>Hilda ON</p> <p>No nos estaban permitiendo trasladarnos libremente en nuestro propio territorio // entonces, frente a eso, nosotros hacíamos asambleas grandes con las comunidades // llego el momento en que tuvimos que buscar como dialogar con un grupo y otro // entonces esos diálogos se entenderán como se nosotros estuviéramos pasando información a un lado y a otro, entonces, por eso la persecución //</p> |
| <p>16 – Entrevista</p> <p>Lettering: AURA Lagos</p> <p>Imagens aéreas</p> | <p>Aura ON</p> <p>Tanto el ejército lo mataba, también la policía mataba // uno no podía saber ni quiénes eran porque todos andaban con los ...</p> <p>AURA OFF ... mismos uniformes // todos // <i>Sound design de vento</i></p> |
| <p>17 – Entrevista</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>La guerrilla puso los cilindros para acabar con la policía // y acabaron con el pueblo, con todo // todo // porque esos eran muchos cilindros // eso parecía el juicio final // a las nueve de la noche explotó el primero // y eso siguió pau, pau, y eso // la tierra temblaba //</p> |
| <p>18 – Entrevista</p> | <p>Aura ON</p> <p>Imagínese, a mí, en menos de dos meses me mataron cinco primos, a mis dos hermanos, ocho cuñados... // eso... uy, no // eso fue cosa impresionante //</p> |

| | |
|--|--|
| <p>19 – Entrevista</p> <p>Lettering: LIGIA Vasquez</p> | <p>Ligia</p> <p>En el 2008, en febrero de 2008, asesinaron a mi hijo mayor.// porque?// porque no quiso guardarles cosas en la casa.// cosas como armas, como droga, entontes...// y también quería como quitarnos dinero.//</p> |
| <p>20– Entrevista</p> | <p>Aura ON</p> <p>Una cosa impresionante.// que de muchachos muertos, que muchachos que violaban las muchachas, que ya no podían ir las niñas al colegio.//</p> |
| <p>21 – Clipe</p> <p>Imagens do córrego</p> | <p><i>Sound design de vento</i></p> |
| <p>22 – Entrevista</p> | <p>Gladys ON</p> <p>Nosotras las mujeres dentro del conflicto somos un botín de guerra.// porque si pasan la guerrilla, si nos quieren abusar, violar, ellos lo hacen.// porque son muchísimos y nosotros somos una familia.// si pasa el ejército, hace lo mismo.// y se pasan los paramilitares, también hacen lo mismo.// entonces nosotras la mujeres ante el conflicto somos un botín de guerra.//</p> |
| <p>23 – Entrevista</p> <p>Lettering: TEEMAR Kidane Ponto focal do ACNUR para temas de gênero</p> | <p>Teemar ON</p> <p>Tenemos una cifras que indican que Aproximadamente un 17 o 18 por ciento de las mujeres son desplazadas por haber sufrido una... violencia sexual.//</p> <p>Y eso que hay un subregistro impresionante de la violencia sexual porque...// no hay confianza en la institucionalidad.//</p> |
| <p>24 – Entrevista</p> | <p>Hilda ON</p> <p>Mira, nosotros vivimos a diario, las violaciones de nuestros derechos, digamos</p> |

| | |
|---|--|
| | <p>así.// no porque la mente nos lleve a recordar lo que pasó, sino porque de una manera u otra, la ciudad constantemente nos obliga a recordar lo que pasó.//</p> |
| <p>25 – Entrevista</p> <p>Imagem da grade foco na grade/foco no fundo</p> | <p>Gladys ON</p> <p>A una compañera de chocó, se tuvo que salir prácticamente con lo que tenía colocado.// llego acá a pedir medida de protección, y lo que le legaron fue un chaleco antibala.// y me parece una decisión, de la experiencia vivida, de que no le sirve a uno lo que el gobierno le da.// Un chaleco antibala a una mujer gordita... gordita con un chaleco solo daba cubrir... y el resto qué?//</p> <p>Gladys OFF</p> <p>Entonces son esos programas que no nos sirven a nosotros, que nos han matado compañeros.//</p> |
| <p>26 – Clipe</p> <p>Lettering: JUAN MANUEL Santos <i>Presidente da Colômbia</i></p> <p>Lettering: IMAGENS DA INTERNET Debate presidencial de 2010</p> | <p>Juan Manuel Santos ON</p> <p>Aquellos que deciden no retornar hay que darles todas las facilidades que el estado tiene a su disposición, en materia de vivienda, darles prioridad, en los subsidios de vivienda.//</p> |
| <p>27 – Entrevista</p> | <p>Cecilia ON</p> <p>“A veces llega. A los tres meses. Otras veces no me llega ni al año”.// las ayuda de desplazada.// entonces prácticamente la mujer, aquí en Colombia, no está recibiendo la ayuda continua que merece como persona desplazada.//</p> |
| <p>28 – Entrevista</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>Nunca nos ha cumplido con lo que en realidad es derecho que nosotras tenemos, las mujeres</p> |

| | |
|---|--|
| | que perdimos todo en la guerra.// el conflicto no nos ha dado sino dolor, tristeza, pobreza.// y dolor.// |
| 29 – Clipe Imagens descida comunidade de San Domingo | <i>Sound design de vento</i> |
| 30 – Entrevista | Gladys ON Es muy duro.// Muy duro llegar uno a la ciudad, muy duro de uno aprender otras cosas.// por ejemplo yo no sabía que era un semáforo, no?// yo no sabía si... tenía esos colores, y tenía que esperar que pasar, que no pasar.// Muchas de nosotras no sabíamos eso porque nosotros vivíamos en plena selva, donde no hay obstáculos ni nada, nadie le prohíbe nada a uno, todo es libre.// |
| 31 – Entrevista | Cecilia ON Cuando yo llegué a Medellín yo no sabía que era desplazada.// Yo pensaba; ‘yo no soy desplazada’. Por qué?// porque pensaba que una persona desplazada era porque le habían matado a un hijo, o se habían matado a un esposo, o a varios de su familia.// entonces por eso yo decía que no era desplazada.// |
| 32 – Entrevista Imagens subida morro Altos de Florida | Aurora OFF Llegué a un barrio, barrio como dicen marginal, de pobres, porque es donde llegan la mayoría de los desplazados.// Aurora ON y ese barrio se llama el oasis, que queda en el límite entre Soacha y Bogotá.// |

| | |
|-------------------------------|--|
| <p>33 – Entrevista</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>Después de tener tantos millones aquí me ha tocado ir a bastos, a recoger lo que botan los ricos.// para pode me comer un plato, una patacona.// eso es duro.// muy mejor uno ser pobre y morir pobre, y no llegar a tener y tener que sufrir el dolor que uno sufre aquí en esta ciudad.// no estamos obligadas a estar aquí, pero no tenemos para donde irnos.//</p> |
| <p>34 – Entrevista</p> | <p>Hilda ON</p> <p>Aguantamos hambre, no tenemos unas ofertas adecuadas, vemos que no se nos cumple positivamente el cumplimiento a nuestros derechos, vimos que no somos libres, tampoco, y que más fácil ... si no tenemos una apropiación, clara de lo que somos, nos está llevando a diario a perdernos.//</p> |
| <p>35 – Entrevista</p> | <p>Aura ON</p> <p>Mi marido era que compraba hasta los interiores de uno.// uno nunca manejaba plata.// uno nunca... ellos levaban todo a la casa.// ellos ... el día... allá se hacía el mercado el domingo, si uno necesitaba los interiores, todo, todo los llevaban ellos a la casa.//</p> <p>Llegando acá la ciudad ya la que tocó la batuta fue a mí.//</p> |
| <p>36 – Entrevista</p> | <p>Aurora ON</p> <p>A uno por ser mujer, por ser madre cabeza de familia, y especialmente afro, le cierra mucho las puertas para la oportunidad de trabajo.// o para arrendarle una pieza.//</p> |
| <p>37 - Entrevista</p> | <p>Gladys ON</p> <p>Los arriendos son carísimos, los servicios son carísimos, y la otra problemática que te contaba anterior; a nosotras no nos enseñaban</p> |

| | |
|--|--|
| | a planificar.// las que menos tenemos, tenemos 5, 6 hijos.// y aquí, si puede alquilar un apartamentico y dicen: ‘más de tres, no’.// |
| 38 – Entrevista | Aurora ON Eso no me parece justo porque... que mama va a dejar sus hijos tirados por ahí... las que no tienen corazón.// pero es que uno está tratando de sobrevivir y sacar sus hijos adelante.// |
| 39 – Clipe Lettering: IMAGENS DA INTERNET Debate presidencial de 2010 | Juan Manuel Santos ON Y cuidar mucho los niños desplazados. // por cada tres desplazados, uno es un niño.// y ahí hay que concentrarse el esfuerzo del estado, porque son los más vulnerables.// |
| 40 - Entrevista | Aurora ON Y se supone que Bogotá es un capital, y donde acogen a las personas afros, desplazadas, afros, a los indígenas.// y en vez de acoger a uno hacen (...) // |
| 41 - Entrevista | Aura ON Y venir acá trabajar, a veces sentirse humillada, de eso... para una mujer es muy...// hasta hay mujeres que les ha tocado la prostitución, porque... es que no encuentran.// una mujer campesina, con cinco, seis peladitos llorándole.// |
| 42 – Entrevista | Aurora ON Como cerrarle las puertas para que uno a veces se meta a hacer cosas que uno no quiera.// |
| 43 – Entrevista | Hilda ON Habemos muchas mujeres que tenemos que vivir de la subsistencia diaria, de lo que yo pueda hacer lo día de hoy, depende la |

| | |
|---|--|
| | <p>alimentación de toda mi familia, depende mi responsabilidad... si es que la tengo.//</p> <p>Entonces antes de acostarse tiene que pensar: 'que va a ser di mi vida mañana?'// y 'que voy hacer yo mañana con mi hijos</p> |
| <p>44 - Clipe</p> <p>Imagem criança correndo</p> | <p><i>Sobe som música instrumental</i></p> |
| <p>45 – Entrevista</p> | <p>Cecilia ON</p> <p>Yo me pongo a volver el cartel, como digo yo, y me pongo muy mal.// porque todavía... todavía en el interior quedan recuerdos de abusos, de maltratos... personales y de mis hijos.//</p> |
| <p>46 – Entrevista</p> | <p>Rosa ON</p> <p>En el desplazamiento me siento pues como mal.// por qué?// porque yo no puedo tener.// por ejemplo una casa donde yo pueda vivir con mis nieto que, que no me lo humillen.// decir, yo quisiera como estar con ellos y que nadie me los estuvieran negando, o impidiendo alguna cosa.//</p> |
| <p>47 – Entrevista</p> | <p>Gladys ON</p> <p>Somos muy echadas para delante, no nos vamos dejar a nadie, y se eso no nos funciona, pues, nos vamos para otro lado.// pero no nos vamos a dejar que el que quiera ser más fuerte sumergirnos, que somos las menos y tenemos que quedar ahí.// no.// Yo soy de las unas que si yo aquí no puedo, pues me busco donde pueda.// y que uno tiene esa autonomía, que uno nunca sea... que no es menos que nadie.// no.// y aunque así uno tiene logros, uno cumple parte de los sueños que uno tuvo.// de ser otra persona.// de seguir para delante.// Y no importa lo que se perdió ya se perdió.// y entonces lo que se perdió, hay que echar para delante a ver hasta donde...</p> |

| | |
|--|--|
| <p>Imagens do cotidiano da Gladys na horta e no galinheiro</p> | <p>Gladys OFF: nosotros podemos alcanzar.// con un poco de estabilidad.// y de seguridad, también.// aunque el gobierno la negué, pero... que dicen también que ... un día llegará lo que tiene que llegar.//</p> |
| <p>48 – Entrevista</p> | <p>Cecilia ON</p> <p>Me duele mucho que haya habido mujeres desplazadas no solo por causa de la violencia, porque mataron, le mataron a un familiar, o le mataron... si o mataron sus sueños donde quiera que estuvieran.//</p> |
| <p>49 – Entrevista</p> | <p>Ana Cecilia ON</p> <p>Entre más hablan de paz, veo más secuestrados, más muertos.//</p> |
| <p>50 – Entrevista</p> | <p>Hilda ON</p> <p>En lo que va a mí vida, nunca he podido estar en un lugar en que digamos; he alcanzado la paz, o, estoy tranquila, no!!! hasta hoy, no!!!</p> |
| <p>51 – CG</p> <p>Animar foto: <i>Cadeiras</i></p> | <p><i>Aurora canta “Golpecitos a la puerta”</i></p> |
| <p>52 – CG</p> <p>Lettering: Mais de cinco milhões de pessoas já tiveram que se deslocar internamente na Colômbia para escapar do conflito armado interno que dura quase 50 anos. Apesar de enfraquecidos, os grupos armados continuam fazendo vítimas civis até os dias de hoje.</p> | <p><i>Aurora canta “Golpecitos a la puerta”</i></p> |

| | |
|--|---|
| <p>53 – Clipe</p> <p>A imagem da Aurora vai entrando em fade.</p> <p>Lettering: <i>Créditos do filme</i></p> <p>Sobre tela preta, agradecimentoss</p> | <p>Aurora ON</p> <p>Ela canta “<i>Golpecitos a la puerta</i>”.</p> <p><i>Música instrumental</i></p> |
|--|---|